

## UM RISO NO CHORO

de ouro, e a pele muito branca.

- Isto é muito importante - disse - Pega-te. Abandona um conto de gaúchos e vem para mim, para o meu caso. Ajuda-me. Preciso da tua ajuda. Oh! nem sabes como preciso da ajuda de alguém.

Egídio Álvaro, quando se na cadeira ele ficou-a.

- Não pode haver julgamentos definitivos sobre coisas não esclarecidas - afirmou - Tudo o que possa envolver o futuro não é mais do que um campo de hipóteses. Excepto a morte, que é certa. Como queres que te dê conselhos sobre um acto cujas consequências Ela recomeçou a chorar. Procurou um lenço na bolsinha e enxugou as lágrimas. Assim chorosa, com um soluço a sacudir-lhe o corpo, a face avermelhada, e muito nova, muito nova, fresca na sua blusa branca, ela era como a mulher da capa de um velho livro policial que marcara um certo dia da sua juventude. Experimentava ao vê-la o mesmo sentimento de amargura de antigamente. Uma espécie de ternura e de malevolência misturadas.

Quando a voz - Tudo são conjecturas. Não sei verdadeiramente se com Esperou que ela acabasse de chorar. Então disse e, voltado para a janela, um pouco como se tivesse a certeza de que tudo o que estava a dizer era inútil: afinal, é que sinto um graco angé - Não creio que haja escolha, na vida. As coisas acontecem, simplesmente, e nós apenas temos um vago momento em que as podemos aceitar ou rejeitar. Mais nada. Somos demasiado complexos para poder ver claro e escolher rapidamente. E depois, para além de nós, temos o corpo, que evolui fóra dos nossos desejos e tem as suas necessidades próprias, independentes, que nos acorrenta contra vontade a um dia a dia exasperante mas certo, imutável.

Ela brincava com o lenço, meio absorta. Tinha os cabelos compridos, caídos sobre os ombros, castanhos com reflexos necessitados de se pedir conselho.

de ouro, e a pele muito macia.

- Isto é muito importante - disse - Peço-te. Abandona as tuas divagações e olha para mim, para o meu caso. Ajuda-me. Preciso da tua ajuda. Oh! nem sabes como preciso da ajuda de alguém.

Voltando-se na cadeira ele fitou-a.

- Não pode haver julgamentos definitivos sobre coisas não esclarecidas - afirmou - Tudo o que possa envolver o futuro não é mais do que um campo de hipóteses. Excepto a morte, que é certa. Como queres que te dê conselho sobre um acto cujas consequências vão marcar a vida que ainda há-de viver, e não só a tua, mas também a de outros? Como queres que te diga se está certo ou errado?

- E, contudo, parece fácil - monologou ela a meia-voz - Parece fácil. Escolher entre o amor e a glória. Ou entre dois amores. Ou entre um amor presente e um amor futuro. Ou entre a mediocridade feliz e a grandeza talvez infeliz. Repara - disse, levantando a voz - Tudo são conjecturas. Não sei verdadeiramente se com o que vou fazer destruo o amor que possuo. Não sei se o caminho que vou tomar é o da grandeza ou apenas o do engano. Não sei se serei infeliz. Tudo o que sei, afinal, é que sinto uma grande angústia e que vou sofrer.

Houve um silêncio. A luz do Sol, no fim da tarde, doura va a sala.

- Que te dizem os teus impulsos? perguntou ele.

- Que actue! - respondeu a jovem.

- Mesmo através da mentira?

- De qualquer maneira.

Ele aproximou mais a cadeira, súbitamente interessado.

- Não compreendo bem a necessidade de mentir - disse - E, depois de um momento - Como também não compreendo que tenhas necessidade de me pedir conselho.

- Leve um salto ela levantou-se. Juntou as mãos com violência. Eu agente aproveitou a oportunidade pelos cabelos.

- Eu sei porque é que te peço ajuda. Eu sei. É porque o que vou fazer é uma cobardia. Nada mais do que uma cobardia.

- Calma - pediu ele - Calma.

Ajudou-a a sentar-se de novo.

- Eu explico-te a necessidade da mentira - recomendou ela - Tens água? Estou com uma sede tremenda.

- Qualquer outra coisa? - perguntou ele, solícito - Uma bebida forte? Um licor?

- Não... Sim, pode ser.

Bebeu apenas um gole.

- Tu vês, eu estou no começo da minha carreira de atriz. Preciso de ser conhecida. Preciso de fama. Preciso de público. Preciso de atrair multidões. O meu nome tem que andar de boca em boca... onde estará a actira? - perguntou ele, curioso.

Até aqui. Ele voltou-se de novo para a janela, mas agora contemplava distraidamente as capas de discos amontoados numa máquina próxima. Ele estava mesmo apaixonada pelo actor.

- Tu tens talento, julgo eu. Não a verdade, simplesmente?

- Sim, tenho talento - interrompeu ela, brutalmente - Mas isso não chega. Com o meu talento, quando vier o tempo das grandes oportunidades, estarei velha. Bem vês, quase ninguém me conhece. Não sou ainda rendável. O meu nome não dá dinheiro. Nem prestígio.

- Tens razão, - concordou.

- Mas voltemos ao assunto - pediu ela - Tenho uma oportunidade de ser conhecida. Uma oportunidade fabricada, claro. Mas única, que não volta a repetir-se. Arrancada a ferros ao destino. Ele é um actor famoso, perseguido pelos repórteres. Tema de quatro colunas, em letras grandes e gordas, fotografias. Está aqui a passar férias. Viu-me e gostou de mim. Falou comigo

- teve um breve riso rouco, mas recompôs-se quase de seguida. O meu agente aproveitou a oportunidade pelos cabelos.

- A eterna história de escândalo? - perguntou ele.

- A eterna história de escândalo. Mas falsa, desta vez.

- Falsa?

- Sim, falsa. Um esquema simples. Ele está hospedado num hotel de luxo. Dentro de horas eu estarei no mesmo hotel. Isso reforçará as coincidências. Começaremos a ser vistos juntos. Seremos fotografados. E será posta a circular, discretamente, uma história de amor.

- Falsa?

- Sim.

- Ele está de acordo?

- Ele só sabe metade da história, também.

- E onde estará a mentira? - perguntou ele, curioso - Até aqui, não precisas de mentir ao Paulo.

- Preciso, sim, - contrariou ela - Preciso de fazer-lhe crer que estou mesmo apaixonada pelo actor.

- Porquê? Não podes dizer-lhe a verdade, simplesmente?

Ela riu, outra vez, um riso desiludido, lento, sem gosto.

- Era demasiado bom. Ele não aceitará o truque. Ele gosta demasiado de mim. Dirme-lhe que é desleal, que não é decente, esta história. Mostrar-me-lhe uma vez ainda como eu poderei vencer com o meu grande talento e a minha combatividade - teve uma risada rouca, que acabou num soluço - Ele ainda acredita. Ele acreditará sempre na pureza das coisas.

- E tu, não?

Ela encolheu os ombros.

- E depois - disse, muito lentamente - isto é apenas

- Não há tempo a perder - aceitava o seu dilema o começo, o primeiro ela da longa cadeia de transformações que eu vou sofrer. E ele adivinharia certamente a verdade por detrás da minha urgência. O amor adivinha as coisas. Se eu fizer isto, já nunca mais lhe pertencerei.

Ele fez um gesto de incredulidade. Depois pareceu reflectir.

- Não te posso dar conselhos sobre a tua vida - afirmou - Sou teu amigo, mas aí não tenho poder algum.

Levantaram-se ambos, quase ao mesmo tempo.

- De qualquer maneira, obrigado - disse ela.

- Desculpa - pediu ele.

- Adeus.

Aproximou-se da porta e parou um instante, pensativa.

- Já decidiste o que vais fazer? - perguntou ele.

- Talvez... - e saiu.

Entrou no gabinete do seu agente. Ele estava sentado atrás da secretária. Levantou-se sorridente, de braços abertos, quando a viu.

- Então, tudo pronto? - perguntou.

Ela hesitou.

- Não sei. Não sei ainda.

- Ora - casquinou ele, quase em falsete - Ainda tens dez minutos à tua frente. Só precisamos de telefonar às sete.

Um sorriso pálido percorreu os lábios da jovem actriz.

- É assim tão urgente telefonar?

- Claro. Para combinar o programa desta noite. Pelo menos teatro e ceia. E em sítios bem conhecidos.

- Pensei que as coisas fossem mais devagar - protestou ela, mas sem vigor.

UM RISO NO OSO

- Não há tempo a perder - acentuava o seu dinamismo ao vê-la ainda indecisa. Pensara estar já tudo resolvido, mas o aspecto dela amedrontava-o. Era uma ocasião única e Não queria perdê-la de forma alguma.

- Bem está na hora. - levantou o auscultador - telefone a combinar?

- Combina tudo o que quizeres - respondeu ela numa voz lassa, levantando-se - Dentro de uma hora estarei de volta para saber o que combinaste.

- Há alguma coisa que não esteja bem, contigo? - perguntou o agente

- Não... Nada.

Caminhou ao acaso durante algum tempo, misturada à multidão. Sentia-se terrivelmente isolada, abandonada, solitária, um pouco amargurada. Mas sentia também um antegosto da aventura, e a possibilidade de vencer, de deixar a sua marca no tempo inebriava-a. Esta última frase fez-lhe lembrar as feições dele, por que era ele que constantemente a repetia, nos seus momentos de exaltação e de alegria. Sentiu saudades, mesmo antes de o abandonar. Sentiu uma pequena dor no corpo, sem localização exacta, como um gemido na escuridão, meio terno meio ácido.

Entrou num café e foi ao telefone. Ele atendeu.

- Querido - começou ela - querido. Pense que precisamos de estar uns tempos sem nos vermos... - as palavras custavam-lhe a dizer, e ela viu quanto o amava ainda, talvez mais, mesmo, que à sua carreira. Mas prosseguiu, um pouco automaticamente - ... Desculpa-me, sim?! E não penses mal de mim. Por favor, por favor, sim...?!

E recomeçou a chorar.